AMOR VS PRECONCEITO

RELICÁRIO

AMOR- PRECONCEITO - ÓDIO

ANNE T. DOLIVAN

Relicário / Anne T. Dolivan

Relicário

Amor- Preconceito-Ódio

Anne T. Dolivan

Esse livro é dedicado a todos os amantes
da Literatura Brasileira.
E ao meu amado marido Adrian. B

Relicário / Anne T. Dolivan

SUMÁRIO

- **1.O PRINCÍPIO**
- **2.A ILUSTRE VISITA**
- **3.O IMPASSE**
- **4.O ACIDENTE**
- **5.A FUGA**
- **6.A VIAGEM**
- **7.O PRECONCEITO**
- **8.A INVESTIGAÇÃO**
- **9. MORTE**
- **10. AS REVELAÇÕES**

Relicário / Anne T. Dolivan

1919. Mangueirinhas, na alameda de casarões, habitada pelo coronelismo baiano, à beira-mar, no Munícipio de Salvador. Barcos à remo, jangadas, veleiros, canoas, e embarcações de pequeno a médio porte, atracavam à margem, a trazer exportações de alimentos, joias, roupas, e todos os utensílios que lhes fossem necessários. O Coronel Hazzen, e sua esposa Gabine, eram mestiços, que vieram do Sul da Bahia, a fincar suas raízes em Salvador. Residiam no casarão a pouco mais de duas décadas, com seus filhos, Muzan e Zael. Além de serem uma, dentre as duas únicas famílias de Coronéis negros em toda Salvador. Era a família de maior influência entre os fidalgos. Seus nomes eram de origem africana, assim como suas oriundas descendências.

CAPÍTULO I

O PRINCÍPIO

Seus anfitriões reuniram-se a mesa sob uma mescla de desconforto e gratidão, diante do aristocrático Coronel Hazzen Azikiwe. Outrora soubesse do que sobrepusera tal convite escuso, negar-se-ia ao mesmo, e com isso, a honra de ceder-lhe aos fricotes, as picuinhas e injurias que a ti lançou, a apoquentar-lhe os miolos de uma só vez, pobre fidalgo Bartolomeu, que sob má vontade e juramento,o acompanhou.

O Senhor Bartolomeu não lastimara o quanto blasfemou, tal noite não surgira ao acaso, e já lhe fora atribuído um fardo maior, ao qual lhe tomaria todo o tempo a se preocupar. Jamais fora dado a hipocrisias, concernente a isto, sabias bem que o preço de

uma desonra antes cometida, não tardaria a em promissórias, lhe ser cobrado. Odiara cada instante daquele bufante festejo de festa pagã, tanto quanto odiara o próprio maldito que o convidou.

Sob o estrelado céu que embelezava a noite calorenta da maravilhosa Bahia de Salvador. Seus desnudados corpos mulatos engrenhavam-se por entre os lençóis febris de estampa cinzenta. Dentre as caricias de tuas ásperas mãos, dedos grossos e alvos, moço Muzan, abraseado, não negou lhe afagos.

Toques e caricias não lhe fora refutado, em nenhum centímetro de seu estonteante corpo integro de donzela. Entre gemidos e tocadelas, podia-se sentir em nítidos detalhes milimétricos, o quanto inserira bem, seu prodigioso órgão genital, em seu até então, intacto hímen de mulher.

Muzan não se recordara de nada que lhe disse a noite, tão pouco fizera questão de recordar. Vestiu-se, e de pronto, calçou as meias e os sapatos, e o recinto abandonou. Como um gatuno que a ela viera, e dela se foi. E como propicio a teu maldito gênio ruim, se quer cogitou a hipótese de outrora, tomar a barca, e ali retornar.

Entregar-se a estranhos talvez não seja um atrativo peculiar capaz de fazê-lo nutrir desejos profundos por aquela moçoila. Talvez cavalgar sob tua nudez fosse um mero capricho pacóvio de um jovem filhote de coronel. Tão rústico e sólido quanto teus próprios pensamentos, jamais seria capaz de ver com bons olhos os devaneios movidos a paixão de uma jovem e reles "mulatinha''. Jamais quis que a ele fosse devota, apenas desejou pertence-la por um momento qualquer, como lhe era costumeiro fazer, com as suas "prostitutinhas do cabaré''.

Moço Zael, teu malogrado irmão, se quer prestou-lhe cumprimentos, limitou-se ao mais gentil de seus atos, que foi o ignorar. Ao grau de parentesco e o sangue que os unia, era comum então, que ambos tivessem o mesmo gênio voraz. Eram lobos raivosos. Feras sobre peles humanas, os malditos Azikiwe!

O sobrenome que carregavam com empáfia, arrogância e glória, fora tão responsável por suas criações ruins, quanto a devida responsabilidade de educa-los concernente a ama de leite, Daviline, que fora quem deveras os criou.

– Não estou a criar feras – disse-lhe certa vez a mãe, Gabine, logo que vira Moço Muzan, a bater violentamente contra uma pedra a cabeça do irmão, Zael. Talvez seusinstintos de animais fosse consequência de todo ódio perpetuado em todo sangue "pretinho". E prevaleceria mais que qualquer respingo de sentimento bom que pudesse

existir em seus corações ressentidos. Tanto viveram a serem malditos seres ruins, quanto perderam em tempo, de alimentar coisas boas sob suas más intenções.

Hazzen, olhara por entre a fresta da janela. Quando vira os que esperavam, a chegar. Tratava-se de um jantar de negócios. O que muito justificava, ele não demonstrar omenor interesse em dar assistência àqueles que para seus interesses financeiros não representasse se quer um vintém.

– Formidável – dissera o fidalgo, logo que cruzara o corredor, assim que teus olhos graúdos avistaram os tão esperados e ilustres convidados do Coronel Hazzen.

Ao meio do afortunado casal, havia acasta e pura mulata, Rambel Balewa. Seus negros cabelos e olhos pequenos aflorara o recinto daquele salão.

– Hummm... O selado hímen daquela crioula! – Recordou-se Muzan, a morder os lábios como um ladrão de aves ao vislumbrar uma espécie extinta.

Ora que, a partir de tal instante, uma disputa sangrenta iniciou-se. Os irmãos Muzan e Zael principiaram uma atentada picuinha em conta da atenção da mulata. Não porque a noite de outrora tivesse o efeito ser enlaçadode vez, mais porque não houvera nada, absolutamente nada, que Zael pusesse as fuças que Muzan não arrebitasse os olhos, em um frenético desejo de sabota-lo.

Rambel não era uma "pretinha" qualquer. Tinha tanta inteligência quanto bom gosto. E possuía maturidade suficiente para fazer com que ambos caíssem aos seus péstanto quanto admirassem suas ideias. Era tão culta quanto qualquer um naquele salão. Talvez soubesse mais idiomas do que poderia se imaginar. Na época, não era comum ver

negros sob ares bufantes, tanto que os Azikiwe e os Balewa eram os únicos negros de consideráveis posses e fortuna em toda Bahia.

Ela era deveras uma magnifica mulata, astuta, inteligente e ousada. Ouvia-se pelas vielas de Amaralina que os "branquinhos", filhos de coronéis, caiam de amores por ela. Teus pais a deixara sob o cortejo dos Azikiwe. Haviam de pensar que não havia lugar mais seguro para deixar sua mulata que sob a companhia de dois iguais "pretinhos".

Sumiram por entre a multidão de convidados branquelos, guiados pelo anfitrião, seu igual de raça, Coronel Hazzen, "O preto''. Seus pais sabiam o quanto divertido a ela seria dois jovens sarcásticos e solteiros a rodeando afim de despretensiosamente a cortejar.Sabiam perfeitamente que a sua filha jamais fora romântica e para ela cortejos não passavam de uma mera diversão trivial.